

TEXTOS DE AMOR 2010

1º Prémio

“Vamos fugir e fazer um filme?”

Casablanca é um cliché estragado por um ponto de vista errado.
Dêem-nos outra guerra, para reacender os amores e recordar à voz como se berra.
Desta vez, Lisboa será o ponto de partida em vez de mais uma paragem esquecida.

O filme não será maculado pela cor. Na emoção, demasiados arco-íris matam a dor.
Nem o velhinho preto e branco terá lugar. O positivo e o negativo não são suficientes para falar. Não neste filme que a vontade necessita de narrar.

Sépia.
Quero tons quentes mas tristes. Não muito. Apenas o suficiente para serem reais. Não mais.
O sangue será de um vermelho velho. Não será reflexo nem espelho.
A pele, quero-a toda da mesma terra, cor da madeira aberta pelos dentes da serra.
Os dentes não têm cor, são apenas sorriso. Quero-os em grandes planos, em tímidos lábios entreabertos, para que a tristeza saiba o que é um aviso.

É isso.

Depois?
Depois fazemos amor com sexo. Rimos das desgraças dos outros como se fossem piadas sem nexos.
O fim do filme será triste. Pelo menos, para quem assiste.
Quem o vir terá inveja de nós. Sentir-se-ão pequeninos e terrivelmente sós.

No fim, não haverá palavras. Nem mesmo o The End tão cinematográfico.
O próprio som será um contrabandista silenciado pelo receio da acusação de tráfico.

A película será queimada no fim da exibição.
Uma vida vive-se uma vez.
O que se faz envelhece para o que se fez.
O resto é recordação.

Manuel A. S. Alves

2º Prémio

“A economia do romantismo”

Pergunto-me se o amor também estará em crise. Se os beijos vão caindo a pique na bolsa. Se há cada vez mais mãos dadas no desemprego e se o preço dos olhares amantes também vai ser afectado. Parece que o número de solteiros já está a desequilibrar a balança comercial e que a dívida pública gerada pelos divórcios é intranponível.

Contudo, li em qualquer lado de referencia que, segundo os especialistas, a grande preocupação é a questão do romantismo.

Parece que o gap entre os românticos e os não românticos vai triplicar nos próximos anos e que o romantismo médio per capita está cada vez mais deteriorado. Sem falar nos empréstimos de romantismo a crédito aos filmes lamechas.

De acordo com a mesma fonte, o PIB das cartas de amor é inferior à media da União Europeia e o Banco Central Europeu está a estudar a hipótese de um empréstimo mas como não têm papel perfumado é complicado.

As pessoas acabam por buscar soluções mais económicas como conhecer-se e namorar pelo facebook o que, conseqüentemente, tem um impacto bastante negativo na indústria do calçado, das floristas e dos chocolates.

Mas mesmo perante um cenário tão catalítico como este se afigura, eu sou uma optimista.

Afinal, ainda há pessoas que escrevem cartas de amor, só que a maioria as envia por mail e assim não demoram 3 semanas a chegar ao destinatário.

Também tem de haver pessoas a oferecer flores, caso contrário, os indianos das rosas ambulantes não proliferariam como bem se vê.

E há crianças de 6 anos que já querem dar beijinhos e há mãos dadas de velinhos.

Os chocolates ainda estão na sua temporada alta! E, convenhamos, isso das serenatas ia incomodar os vizinhos e depois haveriam reclamações na reunião do condomínio.

Que já não haja paladinos do romantismo como o Bocage é pena. Mas também é verdade que aquilo era uma leviandade de angústias e dores, ninguém sabe ao certo quantas vezes é que ele morreu de amores.

Eu acho que o que mudou foi a taxa de câmbio do romantismo e as pessoas ainda não assimilaram os novos valores. Um pouco como não saber quanto são 50.000? em escudos.

Porque é romântico comprar voos da Ryan Air para fazer surpresas à pessoa amada. É romântico dedicar vídeos no youtube. É romântico ficar a noite toda a conversar na janelinha minúscula do facebook. É romântico mandar beijinhos à câmara Web enquanto se fala pelo skype. É romântico pôr fotos e declarações nas redes sociais e nos blogs. É romântico deixar os filhos com os avós para ir ao cinema ou ir passear no fim-de-semana. É romântico ir ao supermercado comprar objectos de higiene pessoal da pessoa amada e saber os ingredientes exóticos do shampoo que ela usa. É romântico oferecer uma bimby!

E, mais raro mas extremamente romântico, é ceder o lugar num transporte público.

De modo que se o amor estiver mesmo em crise, eu sou apologista de uma possível recuperação.

Porque o romantismo está em alta, parecendo que não.

Alexandra Schütz

3º Prémio

“Tudo o que eu te queria dizer (mas nunca há tempo)”

Passam-se dias, semanas, meses, anos.

O tempo foge-nos por entre os dedos, como areia seca. O tempo passa, para ti, para mim, para nós. Tu aí e eu aqui. Sete dias da semana, em que apenas te encontro de fugida por um período escasso de um dia e meio. Um dia e meio ao qual subtraímos o tempo do jantar com os meus pais, o almoço com os teus pais, a ida a casa do avô paterno, o lanche com a avó materna, as três horas de aulas de inglês, visitar a vizinha de baixo que esteve quase à morte no hospital mas graças a Deus voltou, ouvir o resumo da semana dos noticiários dos quatro canais (pela boca do teu pai e depois do meu) e ainda estar com os amigos, os mais próximos e aqueles que já não víamos há anos, que já se sabe que a amizade é a melhor coisa do mundo e há que cultivar esse valor (sempre que possível!).

Nisto tudo, se chegamos a estar efectivamente sozinhos um com o outro e um para o outro durante dez minutos do dia e meio da semana que nos seria supostamente reservado, é uma sorte!

Mas foi sempre assim: primeiro eu tinha de estudar, depois eu tinha de trabalhar (na Telepizza do Feira Nova, enquanto tu te sentavas com os livros abertos numa mesa em frente ao vidro, através do qual me podias observar) para arranjar uns trocos, a seguir eu tinha de ajudar os pobrezinhos ao domingo porque eles também merecem, depois foi o projecto de fim de curso e três dias depois de o acabar fui para França durante seis meses, depois eu vim de França e na semana a seguir fui para Espanha, depois fui para Sines e a seguir para Santiago. Chegaram as férias, mas o tempo estava óptimo para a praia e a minha casa encheu-se de gente. As minhas férias acabaram, mas tu continuaste cá, porque as tuas ainda continuavam, mas eu tinha de entregar o relatório, e por isso fiquei na empresa até às 23h00, noutro dia foi a reunião até às 20h00, e mais outro relatório e a seguir preparar os test-runs na fábrica. E as tuas férias acabaram.

Fiquei outra vez sozinha. E tu sozinho. Eu aqui. E tu aí.

Agora eu vim para casa e estou de lay-off; o projecto onde eu estava a trabalhar, parou. As aulas de inglês, acabaram. Os cursos de Verão que eu poderia fazer neste tempo, ou já começaram ou estão a acabar. Os amigos estão a trabalhar, os avós estão de férias, os pais estão ocupados. Tenho a vida em stand-by e pela primeira vez tenho tempo. Mas por ironia do destino, agora estás tu ocupado, a estudar, a acabar o curso.

E assim se passaram quase sete anos. Durante esse tempo, eu vivi a minha vida e tu a tua. É certo que fomos sendo espectadores da vida um do outro (eu da tua e tu da minha), mas não sei se alguma vez tivemos tempo de viver a nossa vida.

E ao fim deste tempo, não estou segura de te ter dito tudo o que te queria dizer, porque nunca há tempo. De qualquer das formas, e como nunca temos tempo, deixo-te aqui uma pequena nota, para que não te esqueças dessa conversa que um dia haveremos de ter: Amo-te.

Ana Rita da Silva Freitas Rocha

MENÇÕES HONROSAS

"Pássaros Feridos"

Estremeço,
já não vejo os pássaros que nasciam na garganta
quando dizias meu amor.
Esses partiram há muito
e no seu lugar, quero dizer-te,
sonham tempestades.

Nunca a eternidade se demorara na pele
como nesse tempo.
Trazíamos o céu entre os anéis
e a força com que apertávamos o paraíso.
Deus sentava-se no coração
a adiantar as horas,
a manhã chegava mais cedo.
Era urgente não adormecer,
viviam-se muitos anos num dia
e cada pensamento
coleccionava o mundo inteiro.

O sangue ruiu quando partiste.
Descobri então que o corpo
não tinha lista de espera para as cicatrizes.
Até Deus enlouqueceu,
grita que a escuridão é mais fácil de respirar.

Somos delírios
e a morte um vício para sempre.

Alberto Pereira

S/ título

Não fala. Não se explica. Não se vê e muito menos se apalpa. A sua dimensão não cabe na própria palavra de definição, nem há palavras exactas que o definam. Não se sabe porquê nem se sabe o sentido na sua existência. Não tem limites quantificáveis nem padrões comportamentais a serem seguidos. Não é incógnito, não é um mistério nem um mito. Ele existe na sua real personificação em actos e euforias sentimentais. Falasse dele soletrando uma palavra, mas essa mesma palavra é tão vazia de conteúdo que nem dele sabe falar na sua plenitude, apenas estabelece uma forma verbal para que possa ser identificado. É muito mais que isso, muito mais que palavras e conceitos. Vai para além das teorias e conversas abstractas. É superior ao desejo humano de egoísmo social estabelecendo pontes entre impossíveis. Não tem cheiro nem cor, pode ser todas as cores ao mesmo tempo, e nesse mesmo tempo não ser nenhuma. Pode tudo e o impossível. Fazemos uso dele mesmo sem sequer ser suposto estar a senti-lo!

Não avisa. Surge e instala-se. Sente-se. É a única coisa que é real e coerente dizer-se. Sente-se. A partir deste ponto, nada mais é igual, nada mais é concreto, nada mais é plausível de se previsível. Ficamos subjugados à sua vontade e na qual vamos vivendo segundo a sua rota. Ficamos inconscientes de acções, mas conscientes de que queremos viver com ele para sempre, apesar de negarmos vezes sem conta a sua grandiosidade, pois torna-nos mais vulneráveis. Apesar de fazer doer bem fundo e de levar a insanidade à exaustão, sem ele não saberíamos viver. Apenas sobrevivíamos dia após dia sem conteúdo afectivo, onde as coisas perderam o brilho natural de serem amadas, porque se ele não existisse, não haveria o motivo para se amar. A dor que ele nos deixa não é mais que um bónus de sabedoria que nos permite sentir realmente vivos. Não faria sentido viver sem ele apesar do seu sentido não ser perfeitamente compreendido. Apenas sabemos que aquela sensação exclusivamente pessoal, faz-nos sorrir, faz-nos querer, faz-nos tentar, faz-nos não desistir quando tudo à volta perdeu a vontade, faz-nos querer, faz-nos ser felizes, mesmo não sabendo bem usá-lo em forma de expressão. Só sabemos que estamos com ele naquele momento mortífero em que o Sentimos. Quase que magoa a garganta no nó que se forma, nauseados de encantamento ficamos perante aquela figura, ficamos parados no tempo, naquele momento visual que tudo parece ser pequeno face ao que sentimos, onde questionamos tudo, mesmo a nossa real existência. É estranho e contraditório. Sentimo-nos estranhos, irreconhecíveis ao nosso espelho interior. Frágeis na sua presença, triste e vazios sem ele. É maleficamente tenebroso quando não tem forma de retorno. É triste por nos tornar tristes, perigoso por nos controlar os actos, é alheio a quaisquer éticas sociais. Mas é demasiadamente bom de ser negado, de ser ignorado. É avassaladoramente saboroso mesmo no seu lado imperfeito para deixar de ser sentido. Por ele fazemos tudo, sem ele somos nada. Não vale de nada palavras complexas e rebuscadas para o tentar exprimir. Ele é a complexa forma da simplicidade traduzida em afectos. Tudo se resume ao amar e ser amado. A sua exuberante simplicidade é que nos faz ser complexos perante tal força sem definição. Não vale a pena tentar perceber ou questionar, e muitos menos tentar explicar em forma de frases sem sentido directo de interpretação. Apenas se deve sentir e vivê-lo. De outra forma não saberemos viver com ele, e sem ele não se vive o expoente máximo da felicidade. Ele, na primeira pessoa a que chamam Amor.

Ana Soares da Silva Rodrigues Neto

S/ título

Com a mão direita peguei novamente no copo de vidro grosso que abraçava o meu companheiro silencioso de tantos momentos. Aquele que nunca me pediu nada em troca e a quem nunca, na verdade, eu prestei homenagem suficiente.

O meu amigo Tullamore Dew mantinha, como sempre, o aroma "smokey" e aquele travo subtil a milho com que a Irlanda secularizou muitas noites quentes de Inverno.

Mais ou menos à distância de dois copos estaria a tua chegada. Jantei à hora habitual e servi o primeiro à hora do costume. Fiz assim os cálculos.

A leitura que escolhi era leve e o crepitar da madeira quente não a conseguia incomodar.

O Tullamore cumpria a sua função, irrepreensível, tal como o velho relógio inglês de madeira que, quase em surdina, marcava agora ruidosamente os compassos do tempo, explodindo a cada hora com o número certo de batidas metálicas e fazendo-me zelar pelo fogo.

Na metade livre da atenção que me restava estavas tu. Nunca mais chegavas a casa. O teu lugar estava vazio mas não cabia lá outra pessoa. Eu, por outro lado, estava longe mas ocupava o meu lugar habitual.

O Jorge dizia-me sempre, nas noites que tinha de esperar, que a única coisa que contava no Universo era aquele teu passo inseguro. O Frank dizia-me muitas outras coisas. Acho que tinham, os dois, sempre razão.

Não sei por que os ouvia. Nunca me facilitaram a espera. Acho que, afinal de contas, talvez fosse uma forma de te encontrar na serenidade melosa do Tullamore.

O barulho das chaves na porta mostrava a tua preocupação em entrar silenciosamente.

Na sala quente, o segundo copo chegava ao fim e o teu beijo interrompia-me a leitura que nunca comecei.

O Jorge tinha tido razão outra vez.

António Carlos Mesquita Albuquerque Gonçalves

Sereia

Deitada em minha cama és a sereia
Que a loucura do mar-amor deixou
Na praia deste quarto onde ancorou
O teu corpo em lençóis feitos de areia.

O teu silente canto é que me enleia
No prazer que me dás e a que me dou
E, tão perdidamente, apenas sou
O nauta que te ouviu em maré cheia.

Preso em teus braços de águas tão marinhas
Esqueço a dor e as mágoas tão daninhas,
Lavo os olhos de tão dorido pranto.

Renascendo das íntimas entranhas
Suplico ao Céu, das formas mais estranhas,
Que nunca mais se quebre tal encanto!

Domingos Freire Cardoso

“Amor em 3 Capítulos”

Capítulo 1.1

Acordou mal-disposto, ainda com sono. Vestiu o fato, ajustou o nó da gravata que tinha entrelaçado na véspera, sorveu num só gole o café que ainda fumegava na chávena com mais de vinte anos e saiu porta fora.

Capítulo 1.2

Não se lembrava sequer de ter adormecido, mas pareceu-lhe ter descansado um pouco porque a tensão muscular que lhe atormentava os ombros era agora mais ténue. Despiu a t-shirt rota e suja, laça no corpo. Agradeceu, talvez a si mesmo, estar vivo mais um dia. Deitou mãos ao trabalho.

Capítulo 2.1

Sentiu-se submergir num oceano de folhas escritas que nada diziam. A pausa para almoço mal permitia que as papilas gustativas distinguissem o doce e o amargo. Sandes ou pílulas nutritivas eram apenas bala para canhão. Os incompetentes à sua volta estrangulavam-lhe as cordas vocais sedentas por um grito.

Capítulo 2.2

Cavou com as próprias mãos até quase se afogar no suor que lhe escorria da testa. O tempo ensinara-o a suspender as lágrimas, evitando o dilúvio. Enganava-se com astúcia, beliscando côdea de pão e terra. O ardor das grutas sangrentas cavadas pelas chibatadas estrangulavam-lhe as cordas vocais sedentas por um grito.

Capítulo 3.1

Continuava mal-disposto. Mesmo que o momento exigisse outra disposição.

Era ela, era a tal. No aconchego de uma mesa à luz das velas, planeara ao pormenor o resto das suas vidas. Para espanto dela, o meticuloso plano vinha acompanhado de um anel. Para o espanto, o anel era feito de massinhas coloridas, que ele, menino, fizera há muito tempo... quando a tinha imaginado tão perfeita quanto só ela o soubera ser. Selaram o seu amor com um beijo em lágrimas.

Capítulo 3.2

Continuava um pouco mais cansado do que quando acordara. Desesperado. Sedento por um grito.

Preso a uma promessa de amor que não se lembrara de fazer mas jurara cumprir. Era pai.

Ah, pedra tão perfeita quanto só tu o sabes ser! Maldito diamante!

Deolinda Maria Galvão Rodrigues

“De estradas e ruas”

São apenas oito os caminhos da liberdade no acaso do acaso
Os olhos, as bocas, as línguas, os sexos, os abraços infinitos
Alfa e ómega de estranhas estradas mas possíveis longes.
De resto labirintos, abismos, promontórios, padrões e cruzeiros
Cruzamentos, pelourinhos e rossios de sextas-feiras à meia-noite
Rotundas como becos sem saída nem outro fim além de si mesmas.
Porque só são caminhos os caminhos abertos
Todos aqueles de cujas janelas se avistam campos de papoilas
Na frugal avareza dos olhos silvestres
Das bocas
Dos sexos
Dos abraços apertados
Como nas demais estradas ainda possíveis.

Porque de resto é a morte
É a progesterona
É o nuclear
É a modificação genética
É o suor frio
É o efeito de estufa
É a campânula do smog
É a birra e o capricho
É o silêncio incomunicável
É o homicídio de um no par
É o rio apodrecido
É a floresta incendiada
É o beco sem saída
É o precipício abismal
É o redil e o curral
Onde chafurda a própria vida
No suíno lodo do quintal
Tão inútil
Como todas as outras coisas inúteis.

E
Inútil é o estares aí e eu aqui e
Inútil é a leitura sem sentido e
Inútil é a sequência mortífera e
Inútil é a gradação decrescente e
Inútil é a estrada fechada e
Inútil é a anáfora rotineira e
Inútil é a hipálage do medo e
Inútil é a dissimilada opressão e
Inútil é a configurada abdicação e
Inútil é a estrada sem destino e
Desconhecer que uma estrada é um corpo
Uma rua que se faz caminho novo ao apagado caminho.

Como a letra, a palavra, a frase que leva até ti
A língua que se curva em redor do teu nome...

Filipa Susana Martins Ribeiro

"Apicultura"

Teus lábios, teus dentes, tua língua,
como enxame que me rodeia,
que me percorre o corpo
poro a poro, colhendo o pólen
de sal, de sémen,
de todos os seus sabores,
e se recolhe
à colmeia do sono,
saciado com o tributo das flores.

João Paulo Temporão Albuquerque

“Cortas-me?”

Não sou um coração magoado mas, o que tenho, antes não mo tivessem dado.
Gostaria que mo arrancasses do peito.
Fazes isso?

Metes-me a faca na carne e cortas a eito?

Fazes isso?
Não precisas de ter a mão firme e fazer um corte com jeito.
Mesmo que deixes um desnível na carne, e o sangue escorra sem arte.

A imperfeição é um aparte.
Aceito.

Oh, diz que fazes!
Diz que és dessas pessoas capazes.
Corta-me com determinação assassina.
Escava-me o peito com a mesma ganância obcecada com que se procura o maior diamante nas
profundezas da mina.
E, depois, diz que o fizeste por amor... seja o motivo qual for.

Manuel A. S. Alves

"os cavalos as palavras o destino"

Contigo na cabeça
As luzes das casas
um cometa louco
por mergulhar nos olhos
erguendo as asas...
Vem depressa
tira-me o freio
ao galope das palavras...
Estranho sabor
o da palavra amor
na boca...
Veneno fatal
remédio santo
novelo sempre novo
manto
linho eterno
água, vinho, lenha
no inferno de querer alguém
Tanto

Mário Rui Simões Lopes